



Recebido em: 20/06/2021

Aceito em: 01/07/2021

Um olhar sobre o budismo leigo e sua relação com a mídia no Japão moderno

A perspective on lay Buddhism and its relationship with the media in modern Japan

Doutorando Júlio Nascimento¹

(Universidade de Tōhoku)

<http://lattes.cnpq.br/2210343088651085>

Resumo: O presente artigo aborda uma publicação escrita por Ōuchi Seiran, influente leigo budista japonês do período Meiji (1868 – 1912) no qual demonstra como alguns budistas estão refletindo sobre as discussões relativas ao sistema governamental japonês e ao Movimento pelos Direitos do Povo, grupo que buscava o estabelecimento de um parlamento popularmente eleito. A partir de seu texto, percebemos que Seiran se coloca crítico a uma possível criação de um grupo samurai privilegiado dentro do que se colocava como suposto movimento popular.

Palavras-chaves: restauração Meiji, budismo japonês moderno, mídia moderna japonesa, Ōuchi Seiran, *jiyū minken undō*.

Abstract: This paper discusses an article written by Ōuchi Seiran, influential Japanese lay Buddhist from the Meiji period (1868 – 1912) that exposes how Buddhists were arguing about the discussions related to the government and the People's Right Movement, group that was asking for the establishment of a parliament and popular vote. From Seiran's text, we realize that he criticizes the

¹ Doutorando no programa de Pós-Graduação em Pensamento Japonês na Universidade de Tōhoku, Japão, e bolsista pelo Ministério de Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia do Japão – MEXT.

possibility of emergence of a privileged group of samurais under the pretext of being a popular movement.

Keywords: Meiji restoration, modern Japanese Buddhism, modern Japanese Media, Ōuchi Seiran, *jiyū minken undō*

INTRODUÇÃO

Com o fim do governo xogunal, a restauração do poder às mãos do imperador e a transformação da cidade de Edo na nova capital, Tóquio, um novo período social e político iniciava-se. O período Meiji (1868 – 1912) foi um momento crucial na história recente do Japão, no qual grandes discussões circularam em torno de um grande objetivo: transformar o Japão em um país civilizado segundo os parâmetros ocidentais o mais rápido possível, a fim de afastar o risco de colonização por parte de potências estrangeiras. Para acompanhar novas estruturas sociais vindas da Europa e Estados Unidos, fazia-se urgente absorver inovações tecnológicas e morais trazidas do exterior. Um dos mais conhecidos instrumentos para se discutir questões relacionadas à modernização japonesa foi a *Meiokusha* (Sociedade Meiji 6 明六社), associação fundada em 1873 por grandes nomes da esfera intelectual como Mori Arinori² (森有礼 1847 – 1889), Nakamura Masanao (中村正直 1832 – 1891) e Fukuzawa Yukichi (福沢諭吉 1835 – 1901). Os intelectuais envolvidos nesse projeto eram entusiastas dos estudos ocidentais (*yōgaku* 洋楽) e se juntaram a Mori Arinori, um estadista vindo de família samurai da região de Satsuma e primeiro embaixador japonês nos Estados Unidos (1871 – 1873), para publicar em 1874 a *Meioku Zasshi* (Revista Meiji 6 明六雜誌)³. A revista reunia artigos de diversos intelectuais a respeito da sociedade, sistema legal, religião, educação etc., marcando a incipiente imprensa japonesa durante seu período de existência (abril de 1874 a outubro de 1875) e servindo de modelo para publicações futuras⁴.

Alguns membros da *Meiokusha*, como Fukuzawa Yukichi, estavam preocupados não apenas com o desenvolvimento tecnológico do Japão através da importação e fabricação de armas, indústria, exércitos, mas também com o aprimoramento de uma esfera imaterial que guiasse os hábitos do povo japonês em direção à um projeto de nação. Seria apenas quando esse elemento, o “espírito de civilização” (BLACKER, 1964: 31), fosse desenvolvido, o Japão poderia ser chamado de país civilizado. Portanto, os primeiros anos do Meiji foram marcados por uma ânsia

² Os nomes próprios presentes neste artigo seguem a ordem japonesa, sobrenome seguido de nome.

³ A partir da restauração, o sistema de nomeação de eras ou períodos japonês (*nengō*) se alterou. O ano da entronização de um novo imperador marca o início de uma nova era, sendo 1868 o primeiro ano da era Meiji, terminada com o falecimento do imperador Meiji e sendo seguida pela era Taishō (1912-1926), e assim sucessivamente.

⁴ Devido ao seu caráter experimental, durante os primeiros anos do período Meiji a diferença entre revistas e jornais não era clara. Os jornais consistiam em um compilado de traduções adaptadas e muitas vezes em pedaços de matérias estrangeiras (no caso de jornais seculares), artigos de opiniões de pensadores, regulamentos sectários, editoriais, tratados doutrinários etc. A periodicidade das publicações também variava, o que justifica o uso indiscriminado dos termos jornais e revista para se referir a tais publicações no presente artigo. Por sua vez, o *Meikyō Shinshi*, publicado a partir de 1875, é considerado como sendo um jornal propriamente dito e com divisões mais claras, ilustrando o aperfeiçoamento da mídia impressa moderna.

em reformar o espírito do povo japonês, traço marcante do movimento conhecido como “iluminismo” (*keimō* 啓蒙), e a *Meiroku Zasshi* seria aquela que guiaria “carinhosamente as pessoas pelas mãos, tirando-as da ignorância para levá-las ao nível do iluminismo” num movimento conhecido como “civilização e iluminação” (*bunmei kaika* 文明開化) (BRAISTED, 1976: xix).

Ao mesmo tempo em que a imprensa desenvolvia um importante papel na condução moral da população, concomitantemente outra prática era amplamente utilizada como forma de disseminar e educar o grande público: os discursos públicos (*enzetsu* 演説). Os *enzetsu*, palavra traduzida por Fukuzawa Yukichi, eram discursos ou palestras realizados por pessoas lendo jornais em voz alta ou livremente expondo suas ideias em vias públicas, teatros, academias, etc. Para Fukuzawa os *enzetsu* eram uma forma de inculcar na população a ideia de nação e de nacionalidade (*kokumin* 国民), pois devido à falta de educação formal de grande parte da população (o ainda cambaleante sistema público de educação estabelecido após a restauração passava por diversas mudanças), a grande maioria não era capaz de acessar uma forma de nacionalismo disseminado por mídias impressas.

Fukuzawa defendia os discursos públicos como uma parte vital de um processo de criação do *kokumin*, já que nem todos os japoneses gozavam de um nível de alfabetização necessária para um nacionalismo baseado em “capitalismo impresso”. Além disso, o discurso era um ato público, e requeria a presença física de uma comunidade, um grupo de pessoas que eram parte e símbolo da própria nação. (DOAK, 2007: 172)⁵

A ampliação de uma imprensa terminou por se tornar um dos meios utilizados para promover a modernização da sociedade e a Meirokusha, como grande pioneira no ramo, influenciou uma grande leva de pensadores das mais diferentes vertentes.

Um exemplo de pessoa que recebeu a influência da revista é Ono Azusa. Em 1874, Ono Azusa (小野粹 1852 – 1886), um jovem nascido no domínio de Tosa, acabara de voltar de um intercâmbio na Inglaterra onde estudara sobre o sistema legal, e resolveu fundar uma associação na qual pessoas interessadas no desenvolvimento da nação poderiam discutir e publicar suas ideias. A associação *Kyōzon Dōshu* (共存同衆 Associação de Compatriotas pela Coexistência, em tradução livre) reuniu intelectuais que não estavam no círculo formado pela elite da Meirokusha, como monges budistas, políticos e aristocratas, e publicou suas discussões na revista *Kyōzon Zasshi* (共存雜誌).

Entre os participantes da associação, um indivíduo se sobressaía devido à sua variedade de campos de atuação e quase onipresença em movimentações: Ōuchi

⁵ Todas as traduções do presente trabalho são de nossa autoria e quaisquer erros que porventura possam existir são de nossa responsabilidade.

Seiran, um ex-monge budista que construía sua carreira como orador público de *enzetsu* e jornalista. Virulento oponente do cristianismo, Seiran é tomado como um representante desse grupo de leigos ex-monges que trabalhavam criando uma frente transsectária de diálogo entre escolas budistas e a política (IKEDA, 1976: 93). Seiran atuou como editor da *Kyōzon Zasshi* de 1875 a 1879, quando passou a dividir o cargo com o jornalista Okamoto Takeo (岡本武雄 1847 – 1893), além de também publicar onze artigos em suas páginas até maio de 1880, data da última edição.

Importante protagonista dos estudos do budismo moderno no Japão, Yoshida Kyūichi (1915 – 2005) avalia Seiran como um dos iluministas budistas de sua época. A criação e manutenção de uma mídia budista nos primeiros anos do período Meiji fez parte de uma movimentação intelectual classificada por alguns autores como “iluminismo japonês” (*keimō* 啓蒙). O movimento de ocidentalização do Japão e implementação de tecnologias e mudanças sociais que marcou o período Meiji carrega Ōuchi Seiran, Hara Tanzan (原坦山 1819 – 1892), e Shimaji Mokurai (島地黙雷 1838 – 1911) como expoentes de um budismo que não ignora as novas necessidades sociais e trabalha para a reinterpretação da religião aos novos moldes vigentes concomitantemente às interpretações da filosofia ocidental e à criação de um Estado-nação moderno.

O presente artigo focará na figura de Seiran, buscando entender como sua figura ascendeu no cenário político e religioso, ao mesmo tempo que analisamos suas discussões sobre a criação de um parlamento e o papel que, segundo ele, os budistas deveriam assumir no cenário sociopolítico da época. Para isso, utilizaremos o artigo chamado “A Vulnerabilidade do Povo” (*heimin no zunen* 平民之頭熱), publicado na revista *Kyōzon Zasshi* em 1875.

A ASCENSÃO DE SEIRAN AO CENÁRIO SOCIOPOLÍTICO DO PERÍODO MEIJI

Ōuchi Seiran (大内青巒 1845 – 1918) é uma figura que aparece amiúde em importantes pesquisas de história da religião e do pensamento japonês do período Meiji. Nascido no antigo domínio de Sendai, filho do samurai Ōuchi Gonzaemon (大内五右衛門) e de sua esposa Sei (せい), recebeu o nome de Ōuchi Makaru (退) ao nascer. Após o falecimento de seu pai ainda na infância, Makaru se mudou com sua mãe para o templo Hōjuji (鳳寿寺), na região costeira de Sendai chamada Shichigahama, onde seu irmão mais velho, Ōuchi Shunryū (大内俊龍) era abade. Como era de costume em sua época, ele estudou confucionismo com importantes professores da região como Funayama Kōyō (舟山江陽 1791 – 1857) e Ōtsuki Bankei (大槻盤溪 1801 – 1878). Aos onze anos de idade, Makaru tomou os preceitos budistas, adotando nome Deigyū 弟

牛, e viajou em direção à capital Edo, parando também em Ibaraki, a fim de estudar sob orientação de importantes monges como Fukuda Gyōkai.

Nesse período, Makaru entrou em contato com o movimento Reverencie o Imperador e Expulse os Bárbaros (*sonnō jōi* 尊王攘夷), movimento que acumulou atenção e força após a assinatura do Tratado de Amizade e Comércio com o Estados Unidos, em 1858, firmado entre o xogunato e os Estados Unidos sem a permissão do imperador, figura sem poder político de fato no momento. Tal assinatura inflamou sentimentos de uma parcela insatisfeita com o governo dos samurais, e culminou na deposição do mesmo e na restauração do imperador no poder em 1868.

Por volta do ano da restauração, Makaru abandona seu hábito e se laiciza, adotando o nome Seiran, com o qual seria conhecido durante toda sua vida. Como leigo, Seiran criou laços com Morotake Ekiō (諸嶽奕堂 1805 – 1879), Kuga Kankei (久我環溪 1817 – 1884) e Hara Tanzan, três importantes monges da escola Zen (ŌUCHI, 1914: 212). Em especial, Hara Tanzan se tornaria o primeiro instrutor de filosofia indiana na Universidade Imperial de Tóquio e influenciaria altamente o pensamento de Seiran.

Em 1872 (Meiji 5), o poeta confucionista Hirose Ringai (広瀬林外 1838 – 1974) entrevista o arcebispo da Igreja Ortodoxa Oriental Ivan Dimitrovich Kasatkin (1836 – 1912), conhecido como São Nicolau do Japão. Essa entrevista é publicada como *Diálogo com Nicolau* (*nikorai mondo* 尼去来問答) e alcança alta atenção pública. Seiran, cuja posição contrária ao cristianismo seria marcante em sua trajetória de agora em diante, publica em seguida um artigo intitulado *Refutação ao Diálogo com Nicolau* (*baku nikorai mondo* 駁尼去来問答), o que o elevou a uma posição de destaque dentro das discussões a respeito de cristianismo no Japão (TSUNEMITSU, 1968: 184). Interessado por tal publicação, o monge da escola Jōdo Shinshū Ōzu Tetsunen (大洲鉄然 1834 – 1902) convida Seiran, um leigo, para trabalhar como tutor de Ōtani Kōson (大谷光尊 1850 – 1903), futuro abade principal da escola.

Uma das principais colaborações de Seiran à modernização do budismo japonês foi sua participação na fundação do jornal *Meikyō Shinshi* (明教新誌), veículo que se tornaria o principal meio de divulgação e comunicação intersectária do período. Fundado em 1875, o periódico reunia artigos de todas as escolas budistas reconhecidas oficialmente pelo governo e servia como espaço para que elas transmitissem seus dogmas e decisões internas. Sua atividade se estendeu até 1901, quando se fundiu ao *Yamato Shinbun* (日出新聞), diversificando seu conteúdo. Yoshida Kyūichi estabelece o filósofo e educador Inoue Enryō (1858 – 1919) como um dos representantes da conexão entre “Japão e Ocidente” durante o período de modernização (YOSHIDA, 1970: 113 - 117), e não despropositadamente, Enryō

colabora repetidamente com artigos publicados no *Meikyō Shinshi* sobre a aprovação de Seiran. Seiran foi o editor durante sua primeira década de existência, deixando o posto em seguida para se dedicar a outras atividades de cunho proselitista, político e nacionalista. Além de jornalista, Seiran também trabalhou na área filantrópica, criou escolas para alfabetização de pessoas com deficiência visual e auditiva, atuou como professor em universidades e foi reitor da universidade Tōyō, cargo que ocupou durante seus últimos anos de vida. Atuou também com a criação de uma liturgia para a escola Sōtō Zen, considerado uma marca no processo de modernização dessa escola.

Sendo assim, vemos em Meiji uma movimentação do campo budista preocupado em discutir não apenas questões doutrinárias relativas à religião, mas também com a criação de um corpo religioso que desempenha um papel ativo nas mudanças sociais que afetam todos os campos da vida comum. Seiran surge como uma figura chave no período, principalmente devido a sua ligação tanto com os samurais como com o movimento pelos direitos civis da época.

CLASSE SAMURAI E MOVIMENTO PELOS DIREITOS CIVIS

O início do Japão moderno é marcado pela centralização do poder em torno da figura do imperador que foi efetivada com a abolição do antigo sistema de domínios (*han* 藩) e estabelecimento de províncias em 1871, processo chamado de *haihan chiken* (廃藩置県). Em 1872, a antiga classificação estamental foi modificada e a população passou a ser dividida em três grupos, os nobres (*kazoku* 華族), os samurais (*shizoku* 士族) e os comuns (*heimin* 平民). Neste último estavam os samurais de baixa classe juntos com agricultores, mercadores, artesões etc. (HANE, 1986: 92). Com isso, esperava-se que o poder de antigos senhores feudais fosse dissolvido e a mentalidade de um governo único passasse a reger a relação entre o povo japonês e o sistema imperial. Encabeçando tal processo estavam quatro regiões que correspondiam aos antigos domínios de Satsuma, Chōshū, Tosa e Hizen, e seus representantes trabalhavam para a final institucionalização dessa nova forma de estado.

De 1870 a 1873, a distinção entre pessoas comuns e samurais foi se esfacelando. Comuns passaram a ter permissão de adotar sobrenomes; em 1871, samurais tiveram permissão de utilizar penteados que não estivessem conectados a quaisquer formas de classificação, como o *chonmage* (丁髷). Também podia andar sem precisar carregar espadas. Em 1872, eles receberam permissão para se dedicar a atividades comerciais e agrícolas e, finalmente, em 1873, foi instituído um sistema

de alistamento, permitindo que camponeses fizessem parte do recém-formado exército nacional, eliminando a prerrogativa dos samurais em assuntos de guerra.

O governo também reformou o sistema de estipêndios pagos aos samurais, criando alternativas para que eles trocassem seus ordenados por dinheiro vivo ou títulos. Aos samurais de alta classe foram oferecidos cargos públicos. Logo, a reclamação de Seiran se dá em relação à uma posição de privilégio negada aos comuns somada ao pedido de manutenção dos privilégios que os afastaria das decisões governamentais.

SEIRAN E “A VULNERABILIDADE DO POVO”

Em março de 1875, Seiran escreve um artigo chamado “A Vulnerabilidade do Povo” (*heimin no zunen*), publicado na revista *Kyōzon Zasshi*. Esse artigo teria sido lido por políticos, budistas e intelectuais em geral. Considerando a ação de Seiran, podemos especular que esse texto também possa ter sido apresentado ao público na forma de *enzetsu*. O texto analisa os desenvolvimentos políticos do período focando nas discussões do *jiyū minken* (自由民権). Também foi apresentado ao público em forma de *enzetsu*, o artigo foi posteriormente publicado na revista *Kyōzon Zasshi* da associação *Kyōzon Dōshu* de Ono Azusa. Para apresentar seu posicionamento frente aos recentes desenvolvimentos políticos e sociais, Seiran lançou mão de alguns conceitos centrais que estruturaram seu pensamento: o estabelecimento de um parlamento, os privilégios dos samurais e a participação popular no espaço político e a noção de *kaika* (開化). O ano da publicação deste artigo foi marcado por intensas discussões envolvendo políticos que desejavam a formação de um parlamento constitucional que ainda não havia sido criado desde a restauração. O novo governo era constituído pela classe dominante da época, a classe samurai – especialmente aqueles que haviam apoiado o imperador no subjugo sobre o xogunato. Sendo assim, as camadas mais populares ainda estavam afastadas do exercício do poder. Apesar de várias reformas econômicas já estarem em curso desde a década de 1870, ainda havia uma parcela da classe samurai que consumia uma parcela considerável dos recursos do estado através de estipêndios. (GORDON, 2003: 61-66) Portanto, esse era um assunto em fervente discussão na época e buscaremos entender é fácil entender sua centralidade no discurso de Seiran. O combate a privilégios será uma das marcas do pensamento de Seiran, pois sua ênfase ao que ele via como degeneração da classe sacerdotal budista estava intimamente ligada à necessidade desse grupo de manter um status privilegiado perante o governo japonês e à sociedade.

Quando Seiran discute a formação de uma assembleia, ele fala a partir de um contexto no qual a discussão sobre o tema era alvo de intenso debate por diversos setores da sociedade. A facção no governo representada pelo samurai Saigō Takamori (西郷隆盛 1828 – 1877), de Satsuma, tinha uma predileção à transformação da classe samurai no núcleo do governo e em conjunto com o grupo de Chōshū, acabaram por controlar boa parte das decisões governamentais (HANE, 1886: 89). Em janeiro de 1874, Itagaki Taisuke (板垣退助 1837 – 1919) em conjunto com outros políticos da antiga classe dos samurais enviaram uma petição ao governo requisitando o estabelecimento de uma assembleia nacional constituinte que fosse eleita através do voto. Tal petição conectava-se ao início do Movimento pelos Direitos da Liberdade do Povo (*jiyū minken undō* 自由民権運動), ou Movimento pelos Direitos do Povo, formado por um grupo de oposição à natureza arbitrária e centralizadora que começava a tomar conta do governo Meiji. O conceito guia era que apenas através de uma unificação entre o povo e o governo se alcançaria uma estabilidade política e nacional (SIMS, 2001: 44). Encabeçando a petição e o Movimento pelos Direitos do Povo estavam Itagaki Taisuke, Gotō Shōjirō (後藤象二郎 1838 – 1897), Etō Shinpei (江藤新平 1834 - 1874) e Soejima Taneomi (副島種臣 1828 - 1905), entre outros, em suma, todos samurais originários de diferentes domínios e descontentes com o governo.

Em seu texto, Seiran argumenta que por razão de tal movimento ter se tornado recorrente nas páginas dos jornais, ele, como um dos membros da classe do povo não o devia negligenciar (ŌUCHI, 1986: 20). Ele afirma que durante muito tempo, o povo era obrigado a pagar uma corveia aos aristocratas e nobres de onde moravam, e o temor às autoridades era a realidade. (ŌUCHI, 1986:20) Entretanto, com a restauração, pessoas que simpatizavam com a situação do povo comum puderam mudar a situação de subjugo. Para ele, portanto, enquanto a criação de um parlamento poderia significar alegria ao povo, uma rejeição a essa proposta seria, por outro lado, uma perda. (ŌUCHI, 1986:21)

Apesar de ser favorável à criação de um parlamento, Seiran critica os proponentes da petição. Ele os chama de irmãos (*kyōdai* 兄弟) e lamenta que eles ainda não tenham aflorado completamente a civilização (*kaika*).

Envergonho-me pelo estado de civilização incompleto no qual meus irmãos se encontram e pelo que eles planejam. Nós, o povo, pagamos impostos por nossas vestimentas e alimentação, mas legalmente e no campo de relações, nós nos encontramos numa situação de direitos e deveres completamente diversa de nossos irmãos. Isto é, por causa dos samurais funcionários do governo (pessoas que recebem estipêndio do governo são funcionários públicos. Legalmente, seus direitos e deveres não são iguais aos nossos, e no campo de relações não é possível considerá-los como irmãos.), o

direito público particular a nós, o povo, que é um parlamento de voto popular, não deve ser usurpado. (ŌUCHI, 1986: 21)

Seiran estava discutindo a petição nesses termos porque, na realidade, a petição defendendo a discussão pública sobre o estabelecimento de um parlamento foi baseada em ideias liberais e utilitaristas de John Stuart Mill, e foi abraçada por boa parte da intelectual japonesa, na época interessada na possibilidade do Japão de adotar tal sistema (HANE, 1986: 119). Apesar de nominalmente estarem a favor do povo, os pedidos internos do grupo giravam inicialmente na criação de um sistema de voto censitário limitado à membros da classe samurai e à comerciantes e camponeses abastados que teriam contribuído de alguma maneira com a restauração Meiji (SIMS, 2001: 44-5).

De fato, com a restauração, indivíduos oriundos de diferentes origens puderam contribuir para as discussões relativas ao estado sem estarem restrito a regras relativas a castas e sem temer punições arcaicas e execuções por mandatários insatisfeitos. Seiran era um ex-monge, portanto, alguém egresso de um grupo que possuía prestígio e influência política durante o governo samurai. Durante o período Tokugawa (1603 – 1686), o clero havia sido responsável pelo registro populacional através do sistema paroquial, no qual habitantes de certa região eram registrados a determinados templos e responsáveis financeiramente pela sua manutenção. Ao tomar os preceitos quando criança, Seiran teve acesso direto a um conhecimento que poderia colocá-lo em uma posição (ou em uma casta) de prestígio social. Ao renunciar seus votos, Seiran se coloca no grupo de leigos que apesar de não mais possuir os privilégios que um clérigo possuiria, possibilitava-lhe um diálogo livre de amarras denominacionais e a fluidez entre o mundo religioso e o mundo secular.

Ao utilizar a palavra *kaika*, Seiran se refere a uma noção que estava em circulação na época e que o monge Shimaji Mokurai chama de *bunmei kaika*, num contexto em que os japoneses tentavam apreender a noção ocidental de civilização em seus próprios termos (GLUCK, 1985: 254). Esta era uma noção central para o início do período Meiji porque um dos propósitos do recém-instalado governo era realizar a revisão dos tratados desiguais firmados pelo governo xogunal entre o Japão e nações estrangeiras nos anos anteriores à restauração.

Uma das movimentações com esse propósito foi o envio à Europa e Estados Unidos da chamada “Embaixada Iwakura”, um grupo de políticos e burocratas liderados pelo aristocrata Iwakura Tomomi (岩倉具視 1825 – 1883), importante figura para a implementação do sistema imperial. Em 1871, o governo enviou essa missão que tinha como objetivo estudar e entender as nações estrangeiras, seus sistemas de governo, suas indústrias, fábricas, teatros, enfim, todos os aspectos que eram

considerados fundamentais para uma nação moderna (NEARY, 2020: 14). Alguns de seus membros relataram a religião como um dos aspectos basilares das nações ocidentais, criando uma discussão sobre a necessidade de implementação do cristianismo como modelo modernizador do ocidente, já que este estava presente em todos os países considerados avançados⁶. Porém, a religião foi tratada apenas como mais um item observado pelos membros da missão, como relatado pelos documentos oficiais.

Em 1872, do mesmo modo como a Embaixada Iwakura no ano anterior, o Nishi Honganji, templo central da escola Jōdo Shinshū selecionou cinco sacerdotes e os enviou para analisarem a situação religiosa do ocidente, entre eles, Shimaji Mokurai (1838 – 1911) e Ishikawa Shuntai (1842 – 1931). Um dos objetivos de tal empreitada era criar um repertório para produzir argumentos embasados que colaborassem no discurso anticristão (BREEN, 1998: 153). Um dos lugares utilizados por esses dois monges foi a revista *Hōshi Sōdan* (報四叢談), fundada por Ōuchi Seiran em agosto de 1874 e considerada como o primeiro jornal dedicado a assuntos budistas. Seiran atuava como editor chefe do periódico, porém não publicava artigos de sua autoria, resumindo suas palavras a comentários ou elogios aos autores, em particular aos textos de Mokurai. Os artigos giravam em torno de direitos civis, cristianismo e budismo, moralidade, religião estatal, sempre com o viés de apresentar discussões pertinentes ao desenvolvimento do Japão ao status de civilizado e moderno apto a alterar tratados forçados durante as décadas anteriores. “Agora que nossa cultura e civilização começam a florescer, a educação do povo é um assunto de extrema urgência, e os jornais são um meio para realizar tal feito” (ŌUCHI, *Hōshi Sōdan*, 1983: 12), declararia Seiran primeira edição do *Hōshi Sōdan*, reforçando o papel da mídia no processo de educação nacional.

Seiran se apresentava como uma figura que congregava essas figuras e lhes fornecia o espaço para divulgarem suas ideias e devido ao seu caráter de comunicação que transcendia barreiras denominacionais, ele era capaz de criar o diálogo entre diferentes vertentes, dando voz tanto ao tradicional grupo de sacerdotes, como ao grupo de leigos que surgia como autoridade nesse novo processo do budismo japonês. Entre vários temas propostas pela revista como religião, superstição, educação e teoria de estado, Shimaji Mokurai também discutiu a igualdade nos direitos civis que, de acordo com ele, doutos ocidentais discutiam como sendo a base da natureza humana e assistência do bem-estar mundial, mas

⁶ Uma discussão mais detalhada sobre as conclusões dos membros da embaixada a respeito da religião pode ser encontrada em Josephson Ananda, *The Invention of Religion in Japan*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2012.

que poderia comprometer o balanço da monarquia japonesa se estabelecida de modo irrefletido. (SHIMAJI, *Hōshi Sōdan*: 19-21). Portanto, o campo budista estava intimamente conectado ao ideal do avanço da cultura e da civilização moderna, o *bunmei kaika*. Seiran vai além de espaços exclusivamente budistas, como a *Hōshi Sōdan* ou a já citada *Meikyō Shinshi* e utiliza a *Kyōzon Zasshi* para abordar os mesmos assuntos de diferentes perspectivas e para alcançar um maior público. Seiran desejava que o povo comum pudesse participar ativamente de quaisquer decisões governamentais e critica a proposta restritiva apresentada pela classe samurai.

Por qual motivo os samurais enfatizam os direitos civis e tentam guiar os movimentos para o estabelecimento de um parlamento popularmente eleito? Se eles realmente simpatizam com a nossa dor, primeiramente eles devem abandonar a classe samurai, devolver seu estipêndio, e no campo legal e das relações sociais, eles devem se rebaixar ao nosso patamar. Eu encorajo nossos irmãos que aderem à ignorância obscurantista do passado, e isso devem ocorrer em larga escala. Deste modo, eles realmente se tornarão nossos cavaleiros, serão os defensores dos nossos direitos civis (ŌUCHI, 1986: 22).

Percebemos aqui que Seiran estava denunciando o privilégio que a classe samurai tentava manter e os acusava de criarem um falso discurso de inclusão do povo na cena política. Para ele, o único modo de criar um senso de igualdade entre esses dois grupos seriam desistir de seus privilégios sociais e financeiros oferecidos pelo governo, já que a manutenção dessas características apenas produzia afastamento dos que constituíam a nação. Além do recebimento de estipêndio, as diferenças hierárquicas entre classes era prática comum antes da restauração e Seiran se coloca como opositor a essa distinção. Com esse raciocínio, podemos também compreender alguns dos motivos que levaram Seiran a renunciar seu sacerdócio. Ele criticava o longo período de menosprezo direcionado aos grupos de praticante leigos, já que as altas hierarquias monásticas supervalorizavam apenas suas próprias práticas, legando a laicidade a uma mera posição de passividade e ignorância dos ensinamentos budistas. Tornando-se leigo, Seiran saía da estrutura sacerdotal e se colocava como um igual que poderia lutar pela criação de um budismo voltado à parte preterida do mundo budista de sua época, além de também se enxergar como povo que não possui privilégios e que busca sua participação social.

CONCLUSÃO

Como pudemos verificar, a revista *Kyōzon Zasshi* desenvolveu um importante papel no campo de discussões relativas às mudanças sociais do Japão do século XIX. Desde a criação da *Meiroke Zasshi*, a mídia oferecia um fértil campo para a participação pública nos debates e criava grandes redes de transmissão de ideias.

Nesse contexto, a presença de budistas nas mídias impressas sinaliza o processo de transformação da religião para se adequar ao novo período. Ōuchi Seiran se auto classifica como membro do povo que anseia por uma maior participação na esfera política de seu tempo e nas decisões relativas à manutenção social.

Como parte desse grupo, Seiran ataca os privilégios da camada samurai que está no poder. De acordo com Seiran, os samurais apenas desejavam a simples manutenção do sistema ao mesmo tempo que tentavam angariar o apoio popular utilizando uma nomenclatura contrária à realidade. Estipêndio, diferenças no trato social, essas regalias são para ele sinônimo de apego ao passado que não correspondiam aos valores pregados pela civilização (*kaika*) que modernizaria a nação japonesa.

A utilização tanto de mídias seculares como mídias exclusivamente budistas apresenta o engajamento de Seiran na criação do que ele via como nação moderna e iria permear sua atividade ao longo do período Meiji. Compreender seu papel, assim como a participação de budistas nesse processo ajudarão a entender o intricado momento de transformações e adaptações que marca o que é chamado de período moderno japonês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Hōshi Sōdan*. Meiji Bukkyō Shisō Shiryō Shūsei Henshū Iinkai. Tóquio: Dōmeisha, 1983.
- Kyōzon Zasshi*. Meiji Bukkyō Shisō Shiryō Shūsei Henshū Iinkai. Tóquio: Dōmeisha, 1986.
- BRAISTED, William R., *Meiroku Zasshi: Journal of the Japanese enlightenment*. Tóquio: University of Tokyo Press, 1976.
- BLACKER, Carmen. *The Japanese Enlightenment: a Study of the Writings of Fukuzawa Yukichi*. Nova York: Cambridge University Press, 1964.
- DOAK, Kevin M. *A History of nationalism in Modern Japan: Placing the People*. Leiden: Brill, 2007.
- GLUCK, Carol. *Japan's Modern Myth – Ideology in the Late Meiji Period*. New Jersey: Princeton University Press, 1985.
- GORDON, Andrew. *A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present*. Nova York, Oxford: Oxford University Press, 2003.
- IKEDA, Eishun. *Meiji no Bukkyō: Sono kōdō to shisō*. Tóquio: Hyōronsha, 1976.
- NEARY, Ian. *The State and Politics in Japan*. Cambridge, Medford: Polity Press, 2002.
- ŌUCHI Seiran. *Seiran Zenwa*. Tóquio: Ryōnen Shuppansha, 1914.

SIMS, Richard. *Japanese Political History since the Meiji Renovation: 1868-2000*.

Nova York: Palgrave, 2001.

TSUNEMITSU Kōzen. *Meiji Bukkyo no Bukkyōsha*. Tóquio: Shunjunsha, 1968.